aditamentos, mas que incidem apenas sobre questões de pormenor, sem muito afectar os princípios fundamentais.
E são os princípios fundamentais que nós pretendemos expor.

Após uma rápida vista de conjunto, que será o motivo desta introdução, passaremos ao estudo dos actos falhados, dos sonhos, das nevroses, e faremos finalmente, algumas observações indispensáveis.

Foi aí por volta de 1890. Reinava então em França o ensino de Charcot e Bernheim, ou melhor, a rivalidade entre Charcot, da Salpetrière, e Bernheim, de Nancy. Em Viena, mais dum século passara sobre a expulsão de Mesmer pelo sarcasmo ensan-guentado e bilioso do corpo médico oficial, e o magnetismo, e a sugestão, e o hipno-tismo, desacreditados e vaiados, só em raros encontrava um tímido adepto.
Foi um destes raros, foi Joseph Breuer, que Sigmund Freud conhecera no laborató-rio de Briicke, quem, numa experiência extraordinária, devia dar ao autor da psica-nálise o ponto de partida das suas investi-gações.
Breuer observou numa sua doente histé-rica um fenómeno curioso: quando esta rapariga, em estado de confusão psíquica, em estado de ausência, podia falar e falava, dizendo palavras muitas vezes incoerentes e sem nexo, apresentava depois melhoras mais ou menos duradoiras; mas sentia-se que essas palavras eram a expressão de alguma coisa oculta, alguma coisa que a doente ins-tintivamente escondia, e Breuer, para a ini-bir de exercer esta acção contensiva, passou a hipnotisar a rapariga e a interrogá-la no estado de hipnose. Constata então que as palavras pronunciadas por ela em ausên-cia exprimiam estados psíquicos ignorados, «inconscientes», e que bastava trazê los à consciência, desenterrá-los, por assim dizer, para que a doente se sentisse aliviada e melhorasse. Procurando da mesma maneira

encontrar o significado dos próprios sinto-mas mórbidos apresentados pela sua histé-rica, Breuer constatou com espanto que esses sintomas eram a expressão deturpada, sim-bólica de acontecimentos mais ou menos remotos sucedidos na vida da doente e já esquecidos. A evocação destes factos per-didos no «inconsciente» levava ao desapare-cimento dos sintomas respectivos; e meses depois, a rapariga encontrava-se definitiva-mente curada.
A experiência de Breuer, feita de cola-boração com Freud, acordou neste o génio criador. E não hesitando em ir contra a Psicologia clássica nem contra tudo o que nela se apoiava, Freud traçou o primeiro esboço da psicanálise, e estabeleceu dois grandes princípios fundamentais: um, pura-mente psicológico ; o outro, psicopatológico. O primeiro diz-nos que o inconsciente,
ao contrário do que pensavam os psicólogos, não é um domínio inacessível, escuro e em que nada existe digno de nota; não é o vazio icognoscível da alma humana, onde só de onde em onde alguma rara ave nocturna se atreve a riscar caprichosos e turbados voos. O inconsciente é, pelo contrário, um domínio extraordinariamente rico, e rico a tal ponto que o seu «conteúdo» constitui a maior parte da alma, o grande material psí-quico do homem. Este conteúdo,* que na primeira infância é constituído pelos inúme-ros resíduos 'filogenéticos, rácicos, atávicos («dentro de cada um de nós dorme o seu sono milenário o primitivo» —Osório César),